

Se correr

o bicho pega

Se ficar

o bicho come

Coleção
TEATRO HOJE
Série Autores Nacionais
Direção de
DIAS GOMES
Volume 1

Se correr
o bicho
pega

Se ficar
o bicho
come

Oduvaldo Vianna Filho
e Ferreira Gullar

ARGUMENTO: DE ARMANDO COSTA, DENOY DE OLIVEIRA, FERREIRA GULLAR, JOÃO DAS NEVES, ODUVALDO VIANNA FILHO, PAULO PONTES, PICHIN PLÁ E TERESA ARAGÃO



SBD-FFLCH-USP



142198

civilização
brasileira

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300000686

Montagem de capa sobre foto de Paulo Lorgus:
MARIUS LAURITZEN BERN

Fotos de:
PAULO LORGUS

NOTA INTRODUTÓRIA

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME, de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar, dá início a uma nova coleção da EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, a Coleção TEATRO HOJE. E isto se verifica, não por acaso, ou por simples oportunismo comercial, mas porque esta peça serve com justeza à locação de alguns princípios básicos que orientarão esta coleção.

O que nos interessa, em primeiro lugar, é o teatro brasileiro — seu desenvolvimento, sua afirmação. Tudo que publicarmos será nesse sentido. Cada novo volume deverá responder a esta pergunta: isto serve à busca de caminhos próprios para o nosso teatro? Não acreditamos em cultura pela cultura; toda cultura serve a uma causa, boa ou má. Por isso, seremos objetivos: editando Sófocles ou Brecht, Shakespeare ou Miller, indagaremos sempre de sua atualidade e de sua utilidade antes de indagarmos de sua genialidade.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO
1966

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

Importante é dar aos nossos autores, diretores e atôres, as armas necessárias para prosseguir na revolução iniciada na década de cinqüenta, quando um surto de dramaturgia nativa ameaçou lançar as bases de um teatro brasileiro autêntico. Importante também é armar o público, leitor e espectador, para que ele possa compreender e, prestigiando, participar do movimento. Este movimento está sendo, no momento, contido por fatos políticos e econômicos, que dificultam o acesso ao palco dos nossos melhores autores, desencorajando-os a prosseguir em suas pesquisas.

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME tem a grande virtude de romper as barreiras impostas. É uma retomada de caminhos já anteriormente (e timidamente) tentados. E é também um reencontro com alguns princípios que nortearam o movimento dos anos cinqüenta, na medida em que nos leva a reafirmar que o teatro brasileiro só pode surgir da realidade brasileira. Que só a análise aprofundada dessa realidade, com o conseqüente equacionamento dos nossos problemas e o estudo do comportamento do nosso homem em face deles, poderão levar-nos a uma dramaturgia brasileira autêntica. É preciso sermos fiéis ao nosso povo e ao nosso tempo. É preciso achar o nosso caminho, revelar a essência da nossa realidade e da nossa natureza humana.

Mas é evidente que também as grandes obras da dramaturgia mundial, a experiência e a filosofia do teatro desenvolvida por diretores e teatrólogos alienígenas nos armam e nos dão o sentido do universal, sem o que toda arte é efêmera. Por isso, uma das séries da Coleção TEATRO HOJE será dedicada aos autores estrangeiros, clássicos e modernos. Outra série recolherá ainda o pensamento suscitado pelo teatro, como arte ou como fato social. Mas não seremos ecléticos; o eclétismo é uma forma de descomprometimento e de irresponsabilidade. E nós, como declaramos de início, estamos demasiadamente comprometidos no processo de emancipação da cultura brasileira para adotarmos atitudes equivocadas.

D.G.

O teatro, que bicho deve dar?

AS RAZÕES POLÍTICAS

Como toda peça que se preze **SE CORRER, O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME** foi escrita sob a pressão de circunstâncias políticas. O BICHO é, também, de alguma maneira, uma resposta política à situação em que vivemos. Vejamos:

1. — No atual Governo o que parece mais evidente é a "política de casta", a concepção moralista da política. Ou seja: para o Governo há setores da população que podem governar, que têm o direito moral de governar; há outros setores, que não. O julgamento dessas capacidades não pode ser feito pelo povo porque o povo só é capaz de julgamentos políticos imediatistas e não é capaz de julgamentos político-morais. Para esta concepção moralista a eleição é um fenômeno puramente quantitativo e nunca, qualitativo.

O BICHO, praticamente nasceu para ser contrário a esta visão. Nasceu anti-ascético, aparentemente amoral. Em BICHO, os mais diversos setores da população são nivelados, iguados do ponto de vista moral. Seus princípios morais só serão cumpridos na me-

cida em que conquistem e afirmem a supremacia de seus princípios políticos. Como nenhum dos setores da população tem força suficiente para impor sua programação política, as transigências morais fazem parte mesmo da existência política.

2. — O atual Governo confunde ordem social com quietismo social. A ordem social, evidentemente, não se reduz à Limpeza Urbana, mão e contra-mão, Sema-na da Marinha, etc. Ordem social é algo mais que, além dos aspectos sensíveis com que se apresenta, envolve uma hierarquia de ações sociais cuja justeza re-sultará num mais lento ou mais rápido desenvolvimen-to social.

A maior justeza dessa hierarquia só é conseguida através de uma ordem social que permite às forças so-ciais liberdade de manifestação e de organização. Uma ordem social aberta à sua própria modificação.

O BICHO, em segundo lugar, nasceu para ser contra o quietismo social. A existência dos personagens só é festiva, alegre, vital, quando pode se manifestar. Existir é manifestar, é objetivar a existência.

No bicho procuramos também deixar claro que não são as "agitações" que configuram a ordem social. Ao contrário, a ordem social é que determina, impõe a exis-tência da "agitação". O "BICHO" procura fixar a "sub-versão" não na má consciência dos homens; o BICHO pretende fixar uma realidade que é, ela mesma, sub-vertida.

3. — A filosofia do governo se baseia num voto de desconfiância, na capacidade de discernimento político do povo brasileiro. O BICHO é um voto de con-fiância no povo brasileiro. O discernimento não é fruto da imparcialidade; é fruto da necessidade, da ação, do trabalho. O discernimento é a conquista de "Roque", o personagem central, conquista que acabaria lhe custando a vida, não fosse a peça, quase sempre, uma comédia. O bicho é também um voto de confiança no povo brasileiro porque procura suas forças nas nos-sas tradições, porque utiliza os versos, as imagens, o sarcasmo, a desilusão, a ingenuidade e a feroz vitalida-de que a literatura popular, durante dezenas de anos, vem criando.

AS RAZÕES ARTÍSTICAS

Já dissemos. A fonte é a literatura popular: a quantidade de acontecimentos sobrepujando a análise psicológica, a imaginação e a fantasia sobrepujando a verossimilhança. O modelo: o filme TOM JONES. O anti-ascetismo, a auto-ironia, uma inevitável e sarcás-tica complacência, um fiel e maduro amor à objetivi-dade, a inexistência da contradição, sensualismo e vir-tude.

A literatura popular e a grande literatura sempre tiveram um ponto fundamental em comum: a intu-ção da arte dramática como uma manifestação de en-cantamento, de invenção. A obra em si mesma objetiva o homem como um ser criador e transformador das coi-sas, pois se desenvolve através de golpes de imaginação e intuição. Não é igual à realidade, não é uma cópia da realidade — é um sentimento justo da realidade. Uma maneira doce, tensa, desinteressada e bela de co-nhecer o real. É o que Brecht repõe na literatura dra-mática: o encantamento.

Parece absurda uma afirmação desse tipo. Brecht escreveu artigos e artigos sobre distanciamento. Mas quando falamos em encantamento, não estamos que-rendo dizer envolvimento passional (a prisão do espec-tador à seqüência das cenas, à trama, e não às cenas.) Mesmo quando falamos em encantamento estamos pro-curando significar uma maior intensidade de aprecia-ção do espectador que tem diante de si não a verossi-milhança da realidade mas a sintonia da realidade. Com encantamento queremos dizer uma ação mais fun-da da sensibilidade do espectador que tem diante de si uma criação, uma invenção que entra em choque com os dados sensíveis que ele tem da realidade, mas que, ao mesmo tempo, lhe exprime intensamente essa reali-dade. O espectador passa alternativamente e dialética-mente da constatação do belo em si da criação à cons-tatação da justeza da síntese proposta. Repõe no ho-mem seu amor à ação, à intervenção, à criação. Abre o apetite para o humano. Em Brecht a forma não é

mais tirada da natureza; é tirada da beleza, da necessidade de expressão do artista.

Quisemos fazer do BICHO uma obra bela. Obras belas são da maior importância para o teatro brasileiro, cada vez que forem tentadas; e fundamentais, cada vez que forem conseguidas.

Não estamos dizendo que este é o único caminho do teatro brasileiro. — Se fôsse o único, apesar de rico, empobreceria o teatro brasileiro. Nós mesmos do Grupo Opinião estamos escrevendo peças documentais, peças realistas. Só queremos dizer que o caminho da grande invenção deve ser incluído no processo do nosso teatro — porque da constatação é necessário ir à ação.

Pretendemos no BICHO — usando versos, música, interpretação constante dos diversos níveis de emoção, golpes de teatro, lirismo, comédia "mad", melodrama — criar um corpo artístico e cultural onde repercuta a extraordinária riqueza da existência humana. O reconhecimento de indescritível alegria e tensão da unidade dentro da variedade.

Reconhecemos que talvez haja excessos. Uma atitude um pouco barrôca e excessiva diante da vida. Mas o excesso, por enquanto, fica por conta das razões poéticas já mencionadas. Talvez o excesso de festa e de vitalidade seja uma maneira de responder à ausência de festa e vitalidade em que vive o País.

As razões que estamos alinhando: políticas, artísticas, ideológicas, sômente se separaram para exposição. Na realidade, vivem juntas.

AS RAZÕES IDEOLÓGICAS

Tão-sômente razões políticas não permitem a elaboração de obras mais férteis. É preciso uma razão ideológica, uma tentativa de ordenação dos fenômenos que se dão na realidade. O "BICHO" talvez seja a tentativa de ordenar, de desenhar o impasse entre o ser real e a vontade de ser das pessoas na realidade brasileira — cuja

característica central é a celeridade das transformações no plano da consciência e a lentidão das transformações no plano institucional — ser como se é, já não é quase mais possível; ser, como se tem vontade de ser, ainda não é permitido, não é possível. O impasse, na sua violência, chega à inércia. O "BICHO", usando a comédia, pacata e relaxa linguagem da inércia, tenta fixar os diversos tipos de impasse, suas diferentes tensões, fixando como raiz o impasse econômico.

Na primeira cena, Roque, amigo de Brás das Flores, precisa expulsar o companheiro da terra; na segunda cena, o Coronel lamenta a expulsão de Brás das Flores que êle mesmo determina e confirma; na terceira cena, o Coronel constata que tem muito dinheiro mas não tem onde aplicá-lo. E assim por diante... As pessoas são uma coisa, estão enquadradas ali, dificilmente podem sair. Mas dificilmente podem ficar. Se tentarem sair, o bicho pega; se tentarem ficar, o bicho come. Cada vez que podem agir livres — todos são iguais (não idênticos) — são humanos, ridículos, belos, ternos. Poucas vezes, porém, podem agir assim. Todos também, sinceramente, defendem suas razões, acreditam nelas até à perplexidade. A capacidade que as pessoas têm de abandonar suas aspirações, de serem como é necessário, é dolorosa e bela. Nós a fizemos engraçada, porque a peça é demasiadamente horizontal e ficaria extremamente cruel, até o insuportável, se não fôsse feita em chave de comédia. É a comédia que permite diferenciar a todos — fazer os personagens serem diferentes entre si. Em chave de drama, com esse roteiro, todos seriam idênticos — o que seria irreal e, portanto, insuportável.

O bicho é o impasse. Impasse em que nos metemos não devido à nossa irresponsabilidade e corruptibilidade. Ao contrário — o homem é capaz de viver esse impasse porque é altamente responsável e incorruptível. E, felizmente, também é capaz de, em determinado momento, sofrendo o insuportável, superar o impasse.